

Caso(s) de Família: o dia em que a Análise Combinatória se descobriu Heteronormativa

Júlio César Gomes de Oliveira¹
Instituto Federal Goiano

Ricardo Gomes Assunção²
Instituto Federal Goiano

Akira Ribeiro de Andrade³
Instituto Federal Goiano

RESUMO

O artigo teve por objetivo analisar o conteúdo de Análise Combinatória em 10 coleções de livros didáticos, referentes às obras didáticas específicas, que foram aprovadas pelo PNLD 2021, de forma transversalizada aos Estudos de Gênero e Sexualidade. Isso aconteceu mediante uma análise discursiva de inspiração foucaultiana, em que buscou-se entender as relações de poder relacionadas à heteronormatividade que atravessam o conteúdo de Análise Combinatória. Os resultados mostraram que o referido conteúdo é constituído por enunciados, cujas regras fixam um único tipo de casal, o heterossexual, e um único tipo de família, a nuclear, formada por pai/homem, mãe/mulher e filhos. Isso significa que, ao mesmo tempo que um importante conteúdo de matemática é ensinado, também é um único modo de ser, estar e viver em sociedade, compactuando com verdades construídas e difundidas por alguns discursos, como o neopentecostal, neoliberal e o científico biológico. Por isso, a necessidade de se praticar uma pedagogia *queer* nos currículos de matemática, com fins de celebrar a diversidade e não a naturalização de um único estilo de sociedade.

Palavras-chave: Análise Combinatória; Análise Discursiva; Currículo; Heteronormatividade; Livro Didático.

Family Affair(es): the day Combinatorial Analysis discovered itself to be Heteronormative

ABSTRACT

The aim of this article was to analyze the content of Combinatorial Analysis in 10 textbook collections, referring to the specific didactic works that were approved by the PNLD 2021, in a way that cross-cuts Gender and Sexuality Studies. This was done through a Foucauldian-inspired discursive analysis, in which we sought to understand the power relations related to heteronormativity that run through the Combinatorial Analysis content. The results showed that this content is made up of enunciations whose rules establish a single type of couple, the heterosexual, and a single type of family, the nuclear one, made up of father/man, mother/woman and children. This means that, at the same time as important math content is taught, also a single way of being, living and living in society, in

¹Doutor em Educação Matemática, UFMS. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (IFgoiano), Ipameri, Goiás, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida Vereador José Benevenuto Filho, s/n, Qd 11, Setor Universitário, Ipameri, Goiás, Brasil, CEP: 75.780-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6535-7428>. E-mail: julio.oliveira@ifgoiano.edu.br

²Doutor em Educação Matemática, UFMS. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (IFgoiano), Urutaí, Goiás, Brasil. Endereço para correspondência: Rodovia Geraldo Silva Nascimento, Km 2,5; Urutaí, Goiás, Brasil, CEP: 75790-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6535-7428>. E-mail: ricardo.assuncao@ifgoiano.edu.br

³Estudante do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, IFgoiano. Endereço para correspondência: Avenida Vereador José Benevenuto Filho, s/n, Qd 11, Setor Universitário, Ipameri, Goiás, Brasil, CEP: 75.780-000. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1079-0459>. E-mail: anna.ribeiro@estudante.ifgoiano.edu.br

line with the truths constructed and disseminated by certain discourses, such as neo-Pentecostal, neo-liberal and biological scientific. This is why it is necessary to practice a queer pedagogy in mathematics curricula, with the aim of celebrating diversity and not naturalizing a single style of society.

Keywords: Combinatorial Analysis; Discourse Analysis; Curriculum; Heteronormativity; Textbook.

Caso(s) Familiar(es): el día en que se descubrió que el Análisis Combinatorio es Heteronormativo

RESUMEN

El objetivo de este artículo fue analizar el contenido del Análisis Combinatorio en 10 colecciones de libros de texto, refiriéndonos a las obras didácticas específicas que fueron aprobadas por el PNLD 2021, de forma transversal a los Estudios de Género y Sexualidad. Esto se hizo a través de un análisis discursivo de inspiración foucaultiana, en el que buscamos comprender las relaciones de poder relacionadas con la heteronormatividad que atraviesan el contenido del Análisis Combinatorio. Los resultados mostraron que este contenido está formado por enunciados cuyas reglas establecen un único tipo de pareja, la heterosexual, y un único tipo de familia, la nuclear, formada por padre/hombre, madre/mujer e hijos. Esto significa que, al mismo tiempo que se enseña un importante contenido matemático, también se enseña una única forma de ser, estar y vivir en sociedad, en consonancia con las verdades construidas y difundidas por determinados discursos, como el neopentecostal, el neoliberal y el de la ciencia biológica. Por eso, es necesario practicar la pedagogía queer en los currículos de matemáticas, con el objetivo de celebrar la diversidad y no naturalizar un único estilo de sociedad.

Palabras clave: Análisis combinatorio; Análisis del discurso; Currículo; Heteronormatividad; Libro de texto.

INTRODUÇÃO (ou CONSIDERAÇÕES INICIAIS)

De cara, para iniciar a conversa, o artigo tem como objetivo/questão norteadora: *quais relações de poder relacionadas à heteronormatividade⁴ atravessam o conteúdo de Análise Combinatória nas 10 coleções de livros didáticos, referentes às obras didáticas específicas, que foram aprovadas pelo PNLD 2021?* A construção desse objetivo, de forma direta, se deu mediante um processo de análise discursiva das referidas obras, no qual culminou no destacamento de 4 indicativos de relações de poder percebidos, sob a lente dos Estudos de Género, sendo eles: (i) Género X Heteronormatividade, (ii) Género X Profissões, (iii) Género X Esportes e (iv) Género X Questões de Biopolítica. Neste artigo, dado sua extensão, que não poderia ser muito grande, escolhemos discutir as questões de Género X Heteronormatividade, deixando os demais indicativos para outras oportunidades.

O que motivou essa pesquisa, a análise das obras do PNLD 2021, bem como o escrutínio das relações de poder que atravessam tais obras, se deu mediante o lugar de fala/trabalho dos autores, e também pelo interesse de pesquisas oriundas do doutorado.

Quanto ao lugar, os autores são docentes e discente de dois *campi* do Instituto Federal Goiano, atuando/estudando no ensino médio integrado à educação profissional. No tocante ao

⁴“A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou - mesmo que não venha a se relacionar como pessoas do sexo oposto - para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida. Gays e lésbicas normalizados, que aderem a um padrão heterossexual, também podem ser agentes de heteronormatividade” (MISKOLCI, 2015, p. 15). O professor e sociólogo brasileiro completa dizendo que “ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” (ibid., p. 47).

interesse de pesquisa, ambos os docentes são professores de matemática, doutores em Educação Matemática, cujas pesquisas buscam entender as relações de poder que atravessam/constituem currículos de matemática. Além disso, são os livros de matemática do PNLD 2021 que estão sendo utilizados pelos professores de matemática nos referidos *campi*, no Ensino Médio Integrado, e sua análise faz-se necessária, pois faz parte da parafernália curricular que nos destinamos a pesquisar.

Quanto à escolha da temática, ela aconteceu mediante alguns aspectos que iremos expor. Primeiramente, questionamentos que o primeiro autor traz consigo desde sua pesquisa de mestrado, em 2015. Naquela pesquisa, ao realizar sua investigação intitulada “Currículos de matemática no ensino médio: significados que professores atribuem a uma Trajetória Hipotética de Aprendizagem desenvolvida à luz da Educação Matemática Crítica”, Oliveira (2015) se deparou com uma problematização realizada por uma das professoras que participou do estudo em relação aos livros didáticos que são adotados no ensino médio e o conteúdo de Análise Combinatória. Vejamos o que a docente disse.

Por exemplo, os livros didáticos, normalmente, são desatualizados ou trazem alguns exercícios complementares. Na verdade eu não vou muito para aqueles exercícios complementares dos livros didáticos. Talvez se tivesse mais tempo para estudar isso e se eu tivesse estudado mais, talvez estivesse ali [questões como essas que você apresenta]. Eles têm alguns exercícios, mas esses exercícios, aqui [das atividades propostas], são temas atuais e dados atuais estatísticos. Veio agora uma coisa na minha cabeça. Ah, não! É com relação a temas atuais. *Eu trabalhei com; fuge um pouquinho, mas sobre essa questão de atualizar... de atualização dos livros e eu trabalhei... aqui não tem nada que fala da questão de homossexualidade essas coisas... mas eu trabalhei com a análise combinatória e apresentei para a turma um probleminha assim: se você tem doze moças e oito rapazes, quantos casais são possíveis? Daí, uma aluna da sala levantou a mão e falou: - Olha, professora! Se eu tivesse aí teriam mais possibilidades. Então daí, eu parei e pensei, sabe que é mesmo. Têm algumas questões que não são trabalhadas nos livros e dados atuais não têm também porque o livro vai ser atualizado depois... Eu não sei quantos anos leva para ser atualizado um livro (Professora Joana, nome fictício, em entrevista, para a pesquisa de Oliveira, 2015, grifo nosso).*

Diante do exposto pela docente no excerto anterior, surgiu uma curiosidade dos dois primeiros pesquisadores em saber como estaria sendo abordado o conteúdo de Análise Combinatória nos livros didáticos aprovados no PNLD de 2021 e a temática da Sexualidade. O segundo aspecto referente à escolha da temática, é porque o primeiro autor, muito em decorrência do que foi escrito anteriormente, orientou o terceiro autor numa iniciação científica cujo título do projeto era “O conteúdo de Análise Combinatória em coleções de livros didáticos aprovadas no PNLD 2021: uma problematização a partir dos estudos curriculares”. Por motivos

que não vêm ao caso, essa pesquisa não foi finalizada, e daí surgiu o interesse dos dois primeiros autores darem continuidade no estudo.

O terceiro e último aspecto tem relação com o doutorado realizado pelo primeiro autor e pelo segundo autor, ambos orientados pelo mesmo professor, que também orientou parte de uma pesquisa de doutorado, não finalizada, que pensava currículo de matemática e questões de Gênero/Sexualidade, o que rendeu algumas publicações. Dentre elas, temos “Heteronormatividade demarcada por um currículo de matemática: uma linguagem para multiplicar sentidos”, dos pesquisadores Deise Maria Xavier de Barros Souza e Marcio Antonio da Silva, publicado em 2017, cujo foco era os anos iniciais e trabalhava com ideia de fração, explorando a noção parte todo, e a relação desse conhecimento matemático com a Heteronormatividade. Ficou desde lá, uma curiosidade sobre como essas relações aconteciam nos livros do Ensino Médio.

Quando falamos de Heteronormatividade, no fundo estamos falando da LGBTfobia que ainda assola nossas escolas, fruto de uma sociedade incoerente e contraditória em relação a essa comunidade, uma vez que diz aceitar a Homossexualidade, mas é contra o casamento gay e a adoção de crianças que foram abandonadas por seus familiares. Sobre os dois primeiros pontos, temos dados de uma pesquisa realizada em 2023:

Figura 1 – Dados sobre homofobia, racismo e casamento gay



Fonte: Jornal da Cultura (01 jul 23)

Talvez, a sociedade não tenha nada contra a Homossexualidade, desde que os homossexuais fiquem dentro do armário, escondidos, fora dos ambientes, porém, quando direitos são conquistados via judiciário, possibilitando que essas pessoas ganhem visibilidade social, aí sim uma onda contra esses direitos, encampada pelo conservadorismo político e religioso, aparece com força e poder destrutivos.

Impossível dizer isso e não se lembrar do discurso do pastor André Valadão, que “durante culto na Igreja Batista da Lagoinha, proferiu discurso homofóbico, pontuando que ‘não é possível um crente aplaudir um casamento homoafetivo’, e sugeriu que fiéis matassem

pessoas LGBTQIA+”⁵. Ou não se lembrar do discurso transfóbico que o deputado Nikolas Ferreira, usando uma peruca, realizou na câmara de deputados, pela ocasião do dia da mulher, em que o “deputado bolsonarista disse que ‘mulheres estão perdendo seu espaço para homens que se sentem mulheres’”⁶.

Impossível, também, não se lembrar da famigerada luta contra a inexistente “ideologia de gênero” nas escolas. De origem cristã, esse movimento ideológico, que busca sabotar as pesquisas científicas em Estudos de Gênero, trata-se de uma tentativa de retroceder todas as conquistas no Campo Sexual, de Gênero e da Sexualidade, extrapolando o discurso da proteção das crianças e da família nuclear (pai/homem, mãe/mulher e filhos), reduzindo todas essas expressões a um modelo único, aquele de teor religioso cultuado desde os tempos antigos. Segundo Junqueira (2022, p. 122),

os objetivos das autoridades eclesiásticas [em relação ao combate à ideologia de gênero] se evidenciam: combater os direitos sexuais, a cultura da saúde reprodutiva, o sexo seguro, o aborto legal e seguro, a pluralidade dos arranjos familiares, a inseminação artificial, a livre expressão sexual de gênero.

Como resultado dessas investidas, é que notícias fantasiosas, como o Kit Gay e os banheiros não-binários nas escolas, são disseminadas pelos grupos apoiadores, levando tumulto e pânico moral para o ambiente educacional, o que coloca em xeque toda a diversidade que, a duras penas, se conquistou ao longo do tempo nas escolas. Obviamente que o currículo, aqui pensado como instrumento cultural/discursivo construtor/mantenedor/regulador de todo o ambiente escolar, não fica imune a esses embates, a essas relações de poder, podendo reforçar ou refutar essas estruturas. Logo, entendemos que a discussão curricular tem a ver com percepção do mundo, de significados considerados verdadeiros em detrimentos de outros significados colocados/impostos falsos.

Por isso, diante do exposto, questionamos: estaria o currículo de matemática em alguma medida relacionado com a problemática apresentada anteriormente? Em outras palavras, quais relações de poder o currículo de matemática faz reverberar no contexto social em relação à temática de Gênero/Sexualidade? Nas próximas seções trataremos algumas possibilidades de respostas para esses questionamentos ao apresentar algumas situações que aparecem nos livros

⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/justica-determina-retirada-de-videos-com-discurso-homofobico-de-andre-valadao/#:~:text=Valad%C3%A3o%20chegou%20a%20dizer%20que,fala%3A%20'N%C3%A3o%20posso%20mais.> Acesso em 08 ago 2023

⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/03/nikolas-ferreira-usa-peruca-para-fazer-discurso-transfobico-em-dia-da-mulher-na-camara.ghtml>. Acesso em: Acesso em 08 ago 2023

de matemática já citados, em relação à Heteronormatividade e o conteúdo de Análise Combinatória.

CURRÍCULO DE MATEMÁTICA COMO DISCURSO

O campo especializado de estudos curriculares surge nos Estados Unidos, na década de 1920. Dentre as principais condições ligadas à sua criação, podemos dizer que essas estão associadas à institucionalização da educação de massa, vinculada aos processos de crescente industrialização e urbanização ocorridas naquele país. É nesse contexto que surgem as teorias tradicionais de currículo, cujos representantes principais são, inicialmente, Bobbit, com o lançamento de seu livro intitulado *The Curriculum*, em 1918, e, logo depois, Ralph Tyler, com o lançamento de uma obra em 1949. Para as teorias tradicionais, o currículo é uma questão técnica. Resta aos curriculistas pensar em questões meramente de organização e desenvolvimento curricular.

A partir da década de 1960, a concepção técnica de currículo é problematizada por uma série de agitações e transformações no campo social. Isso viria a questionar o quanto uma concepção tradicional de currículo está a serviço do *status quo*. A partir desse questionamento, surgem as teorias críticas de currículo que, principalmente, em uma análise marxista, irão dizer que o currículo está relacionado a uma questão de poder.

Ampliando e modificando as teorias críticas de currículo, por meio de estudos direcionados a temas como questões de gênero e a teoria *queer*, estudos feministas, culturais e do movimento negro, surgem as teorias pós-críticas de currículo, cujo foco, principalmente, a partir dos trabalhos de Foucault, não está no poder como algo que possuiria um centro no contexto social como, por exemplo o Estado, mas nas relações de poder que nos permitem pensar poder como algo descentrado e espalhado por todo tecido social. Para o filósofo, “o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali” (FOUCAULT, 2017, p. 284). O poder está ligado a um nível microfísico e existe sempre por meio de relações nas quais uns procuram conduzir a ação dos outros.

É por isso que assumimos que o artigo em tela está associado às teorias pós-críticas de currículo e, nessa perspectiva, um currículo de matemática não é compreendido apenas como um emaranhado de normas e listas de conteúdos, mas também como discurso imerso em relações de poder que buscam construir modos específicos de sujeitos. Por esse entendimento, assumimos que um currículo de matemática vai desde o que é apresentado nos livros didáticos até ao que acontece em sala de aula. Contudo, nosso foco será para o que é apresentado para as

professoras/os professores, nesse caso os livros didáticos. Como artefato cultural, sujeito a interesses, um currículo de matemática não se trata de um dado natural, pois, a partir das teorias pós-críticas e sua concepção de discurso, em qualquer que seja a teorização curricular envolvida ele não deixará de estar imerso em relações de poder.

ASPECTOS METODOLÓGICOS: uma construção ao longo do caminho

Entendemos metodologia como o caminho percorrido para responder a uma pergunta de investigação, a fim de produzir conhecimento científico. Como procedimentos metodológicos, em um primeiro momento, foram realizados estudos teóricos sobre o campo curricular, a análise do discurso foucaultiana e os estudos sobre Gênero/Sexualidade. Paralelamente a isso, analisamos o conteúdo de Análise Combinatória nas 10 coleções que foram aprovadas pelo PNLD 2021. Essas coleções encontram-se listadas a seguir:

Figura 2 - Coleções de Matemática que foram aprovadas pelo PNLD 2021 no quesito Obras Didáticas Específicas

NOME	AUTORIA	EDITORA
CONEXÕES – MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	LEONARDO, Fabio Martins de (ed.).	Moderna
DIÁLOGO – MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	TEIXEIRA, Lilian Aparecida.	Moderna
INTERAÇÃO MATEMÁTICA	LONGEN, Adilson, BLANCO, Rodrigo Morozetti, FREITAS, Luciana Maria Tenuta. TEIXEIRA (coord.).	Editora do Brasil
MATEMÁTICA EM CONTEXTOS	DANTE, Luiz Roberto; VIANA, Fernando.	Ática
MATEMÁTICA INTERLIGADA	ANDRADE, Thais Marcelle de (ed.).	Scipione
MATEMÁTICA NOS DIAS DE HOJE	CEVADA, Jefferson <i>et al.</i>	Editora SEI
MULTIVERSOS - MATEMÁTICA	SOUZA, Joamir.	Editora FTD
PRISMA - MATEMÁTICA	BONJORNO, José Roberto; JÚNIOR, José Ruy Giovanni; SOUSA, Paulo Roberto Câmara de.	Editora FTD
QUADRANTE MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	CHAVANTE, Eduardo; PRESTES, Diego.	Edições SM
SER PROTAGONISTA MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez.	Edições SM

Fonte: Brasil (2020)

Os dados produzidos foram categorizados e analisados, segundo os objetivos da pesquisa. Para isso, o estudo se inspirou na Análise do Discurso de Michel Foucault, para o qual o discurso não se resume ao que é dito ou o que é expresso nos livros. Para esse estudioso, o discurso tem a ver com o poder e com modos que uns buscam conduzir a ação dos outros em nossa sociedade, a partir de enunciados. Segundo Hall (2016, p. 80),

o discurso, argumenta Foucault, constrói o assunto. Ele define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido, e também influencia como ideias são postas em prática e usadas para regular a conduta dos outros. Assim como o discurso ‘rege’ certas formas de falar sobre um assunto, definindo um modo de falar, escrever ou se dirigir a esse tema de forma aceitável e inteligível, então também, por definição, ele ‘exclui’ limita e restringe outros modos.

Assim sendo, a análise do conteúdo de Análise Combinatória, nas obras pesquisadas, se pautou em delinear os discursos que são produzidos/atravesados como formas de ser e estar dos sujeitos, a partir da exploração deste importante conteúdo matemático. Importante pontuar que levamos em consideração que nem tudo é dito e que a análise do discurso empreendida, neste texto, procurou buscar pela rarefação dos enunciados, isto é, ao que de fato foi dito por meio de um acúmulo, “a constituição de um estoque” (DELEUZE, 2005, p. 16). Analisar discurso, desse modo, significa entender os enunciados que circulam na materialidade a ser pesquisada, no nosso caso, os livros didáticos de matemática, nos capítulos em que é trabalhado o conteúdo de Análise Combinatória.

ANÁLISES E RESULTADOS

A fim de responder ao questionamento apresentado na introdução, estaria o currículo de matemática em alguma medida relacionado com a problemática Heteronormativa?, passaremos a exposição da análise discursiva realizada.

Os resultados da discursividade sob análise mostram que os livros de matemática das coleções observadas, ao abordarem o conteúdo de Análise Combinatória, apresentaram 8 questões relacionadas à constituição de casais heteronormativos. Dessas, 4 situações apresentam como regra discursiva que casal é construído apenas pelo homem e pela mulher, isto é, casais heterossexuais. Vejamos:

Arthur e sua esposa desejam fazer uma viagem a três estados da região Nordeste do Brasil. Sabendo que essa região tem 9 estados, quantas possibilidades eles têm para escolher os estados que vão visitar?

Fonte: Coleção Matemática Interligada (2020, p.30, grifo nosso)

(UFSCar-SP) Em seu trabalho, *João* tem 5 amigos, sendo 3 homens e 2 mulheres. Já sua *esposa* Maria tem, em seu trabalho, 4 amigos (distintos dos de João), sendo 2 homens e 2 mulheres. Para uma confraternização, João e Maria pretendem convidar 6 dessas pessoas, sendo exatamente 3 homens e 3 mulheres. Determine de quantas maneiras eles podem convidar essas pessoas:
a) dentre todos os seus amigos no trabalho.
b) de forma que cada um deles convide exatamente 3 pessoas, dentre seus respectivos amigos.

(Fuvest-SP) Uma lotação possui três bancos para passageiros, cada um com três lugares, e deve transportar os três membros da família Sousa, o casal *Lúcia e Mauro* e mais quatro pessoas. Além disso:

1. a família Sousa quer ocupar um mesmo banco;
2. Lúcia e Mauro querem sentar-se lado a lado.

Nessas condições, o número de maneiras distintas de dispor os nove passageiros na lotação é igual a:

- a) 928
- b) 1152
- c) 1828
- d) 2412
- e) 3456

Fonte: Coleção Prisma - Matemática (2020, p. 98, grifo nosso)

Leia o problema a seguir.

Em uma aula de dança de salão, há 5 homens e 5 mulheres. Considerando, nesse caso, que *um casal é formado por uma mulher e por um homem*, de quantos modos diferentes podem ser formados casais para uma dança?

Ao resolver este problema, Pedro pensou: “A primeira pessoa do casal pode ser escolhida entre as 10 porque pode ser homem ou mulher. Depois que a primeira for escolhida, a segunda só poderá ser escolhida entre as 5 pessoas do sexo oposto ao da primeira. Então há $(10 \cdot 5)$ modos de formar um casal para uma dança”. Você concorda com Pedro? Por quê?

Fonte: Coleção Ser Protagonista Matemática e suas Tecnologias (2020, p. 24, grifo nosso)

Antes de darmos continuidade a apresentação das situações, cabe ressaltar que essa ideia de casal, ou melhor, esse enunciado de que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher faz parte do currículo de matemática não como algo fora da realidade e a-histórico, mas reforça um conjunto de regras que definem as condições da representação daquilo que é considerado humano no campo social. Isso nos permite afirmar que o currículo de matemática

‘é uma prática de poder, mas também uma prática de significação, de atribuição de sentidos. Ele constrói a realidade, nos governa, constrange nosso comportamento, projeta nossa identidade, tudo isso produzindo sentidos’ (LOPES, MACEDO, 2011, p. 41) para o que somos e de como devemos ser (SOUZA, SILVA, 2017, p. 3).

Nessa perspectiva de um currículo de matemática produzir sentidos para o que somos e para o que devemos ser, trazemos uma outra regra discursiva, conforme podemos observar na sequência, envolvendo Análise Combinatória, que apresenta que namoro é algo que se dá entre pessoas do sexo oposto. Essa regra discursiva reforça a ideia de que a única possibilidade de casal é o casal heterossexual.

Um grupo com 5 amigos, estudantes do curso de Farmácia, assistem à aula da matéria de Microbiologia juntos. No início do período eles decidiram fazer uma brincadeira em que a cada dia todos se sentariam juntos, lado a lado, na mesma fileira, com 5 lugares, porém sempre em posições distintas.

- Durante quantos dias eles podem realizar essa brincadeira?
- Paula e Carlos fazem parte desse grupo de amigos e começaram a namorar. De quantos modos diferentes o grupo pode sentar-se na fileira de 5 lugares de maneira que Paula e Carlos fiquem juntos?
- Um dia, Paula e Carlos brigaram e decidiram que em nenhum outro dia sentariam lado a lado. Nessa situação, de quantos modos diferentes todos podem sentar-se na fileira de 5 lugares?

Fonte: Coleção Matemática em Contextos (2020, p. 24, grifo nosso)

Aqui vemos, na superfície discursiva, envolvendo outras três questões, um desdobramento do enunciado sobre casal e como deveria ser uma composição familiar que, no caso em tela, uma família é aquela composta por pai/homem, mãe/mulher e filhos, ou seja, uma família nuclear, ou tradicional. Uma dessas três questões ainda traz a ideia dos avós como parte da constituição familiar, vamos aos dados:

Exercícios resolvidos

RB. Determinar de quantas maneiras diferentes um casal com 3 filhos pode ocupar um sofá com 5 lugares, de modo que o casal fique sempre junto.

► **Resolução**

Se o casal não pode ser separado, devemos considerá-lo como se fosse uma única pessoa, calculando a permutação de 4 pessoas ($4!$). O esquema abaixo representa uma das possibilidades de ocupação dos 5 lugares.

pai	mãe	filho 1	filho 2	filho 3
-----	-----	---------	---------	---------

Porém, se o casal trocar as posições entre si ($2!$), obtemos uma possibilidade diferente da anterior.

mãe	pai	filho 1	filho 2	filho 3
-----	-----	---------	---------	---------

Aplicando o princípio multiplicativo, temos: $4! \cdot 2! = 24 \cdot 2 = 48$

Portanto, os 5 lugares podem ser ocupados de 48 maneiras diferentes.



Fonte: Coleção Conexões - Matemática e suas Tecnologias (2020, p. 113)

Considere um banco retilíneo de 5 lugares.

- Quantas são as configurações diferentes em que uma família de 5 pessoas se senta em um banco retilíneo de 5 lugares?
- Se 2 pessoas da família resolverem ficar juntas em qualquer ordem (por exemplo, pai e mãe), quantas são as configurações possíveis em que todos se sentam no banco?
- Elabore um problema como o dos itens anteriores, mas suponha uma situação diferente de escolha de lugares. Depois, troque-o com um colega e resolva o problema dele.

Fonte: Coleção Matemática em Contextos (2020, p. 24, grifo nosso)



Pessoas fazem piquenique em um parque.

Fonte: Coleção Interação Matemática (2020, p. 62)

Na discursividade, as oito questões apresentadas anteriormente abordam, de forma evidente, como está sendo construído um sentido de casal no currículo de matemática, reforçando uma Heteronormatividade. Na análise foi possível perceber, duas outras questões que abordavam ou induziram a ideia de casal. No entanto, uma questão sugere a ideia de casal como sendo algo de qualquer tipo, não se baseando na composição de sexos opostos, vejamos:

Elabore um problema que envolva a seguinte situação: *um casal* vai ao teatro com quatro amigos, e todos eles vão se acomodar em uma mesma fileira em que há seis poltronas disponíveis. Depois, entregue para um colega resolver e, por fim, verifique se a resolução está correta.

Fonte: Coleção Matemática Interligada (2020, p.24, grifo nosso)

Já, a última questão insinua uma ideia de casal, mas não de forma tão evidente, como podemos observar:

Num avião, uma fila tem poltronas dispostas como na figura abaixo.



Os modos de *João e Maria* ocuparem duas poltronas dessa fila, de modo que não haja um corredor entre eles, são em número de:

- a) 6
- b) 7
- c) 8
- d) 10
- e) 12

Fonte: Coleção Conexões - Matemática e suas Tecnologias (2020, p. 113, grifo nosso)

Anteriormente, procuramos descrever como um enunciado que diz que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher está sendo apresentado nos livros do PNLD 2021. Nesta parte do trabalho, iremos desdobrar outros pontos analíticos sobre o referido enunciado. Aqui, buscaremos cumprir aquela lição de Foucault em *Arqueologia do Saber*, que diz

Ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo. Talvez ele seja tão conhecido que se esconde sem cessar; talvez seja como essas transparências familiares que, apesar de nada esconderem em sua espessura, não são apresentadas com clareza total (FOUCAULT, 2008, p. 125-126).

Diante do exposto, pretendemos realizar uma conversão no olhar, em nosso olhar e no olhar dos futuros leitores/leitoras do trabalho sobre o tema. Faremos isso, na tentativa de reconhecer o enunciado e considerá-lo em si mesmo como parte de uma rede discursiva de poderes e saberes. Em busca de tal conversão, iremos compor uma rede de relações que o enunciado nos permite construir. Cada fio dessa rede, nos leva a lugares que foram construídos por nós no esforço de afunilar o exercício analítico discursivo.

Um primeiro fio dessa rede discursiva que podemos destacar é o fato de que o enunciado sobre casal apresentado previamente traz o conhecimento matemático do conteúdo de Análise Combinatória se articulando com os discursos socialmente aceitos. Esse ponto de vista também foi relatado por Souza e Silva (2017) ao se depararem com o estudo de frações e a Heteronormatividade nos anos iniciais do ensino fundamental.

As identidades demarcadas no currículo podem parecer inertes, localizadas em segundo plano, mas ao deslocarmos esses substantivos inertes para o campo de teorizações contemporâneas, é que se faz possível 'destacar um conjunto de regras, próprias da prática discursiva' (FOUCAULT, 2013, p. 60) movimentada no currículo de matemática. Práticas que determinam sistematicamente, como o currículo pode representar um grupo de pessoas e por isso, o conhecimento de partes de um todo pode ser vinculado a essa representação unívoca de um grupo de pessoas (SOUZA, SILVA, 2017, p. 10)

O ponto que queremos evidenciar, assim como fizeram os autores mencionados anteriormente, é que ao ensinarmos matemática, ou melhor, ao ensinarmos Análise Combinatória, também ensinamos outras coisas como, por exemplo, que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher. Da mesma forma, também é ensinado que o tipo de família válido socialmente, é a família nuclear.

Um outro fio dessa rede de relações é que o enunciado que diz que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher e que o tipo de família válido, é a nuclear, como vimos, tem se constituído uma verdade discursiva sobre o que é ser um casal/e uma família no campo da Educação Matemática, como parte de uma única visão de mundo mais abrangente. Segundo Louro (2014, p. 137-138),

o modelo ‘normal’ é a família nuclear constituída por um casal heterossexual e seus filhos. Esta forma de organização social é, na verdade, mais do que normal, ela é tomada como *natural*. Processa-se uma naturalização - tanto da família como da heterossexualidade - que significa, por sua vez, representar como não natural, como anormal ou desviante todos os outros arranjos familiares e todas as outras formas de exercer a sexualidade.

Nesse sentido, a ideia de casal/família não é algo a-histórico e que estaria apenas expresso por meio de uma individualidade ou uma consciência, mas constitui-se na maquinaria de poder que é expressa por meio dos discursos que constituem os objetos de que falam. Em alguma medida, e por uma operação de poder, isto é, essa verdade discursiva de que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher, e que família é a nuclear, faz parte do poder político em que uns buscam conduzir as ações dos outros. E sobre essa verdade, concordamos com Foucault ao pontuar

[i] a ‘verdade’ é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; [ii] *está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político)*; [iii] é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (*circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas*); [iv] é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, [v] *é objeto de debate político e de confronto social (as lutas ‘ideológicas’)* (FOUCAULT, 2017, p. 52, grifo nosso).

Com base no excerto anterior, uma verdade discursiva de que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher, e de que família é a nuclear, faz parte de uma constante incitação política, de uma necessidade de verdade para o poder político. Essa verdade é difusa com um consumo amplo na sociedade e, por tudo, isso torna-se objeto de debate político e de confronto social (FOUCAULT, 2017) também no currículo de matemática. Mais que isso: essa verdade “constrói uma realidade heteronormativa e nos governa por ela, constrange qualquer ‘você’ a não se representar fora desse comportamento” (SOUZA, SILVA, 2017, p. 11), fora dessa ideia de casal/família.

A partir dos aspectos apresentados anteriormente, podemos afirmar que a constituição de uma verdade de que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher, e de que família é a nuclear, possui vestígios universais, isto é, a representação de apenas um grupo social em detrimento de outros grupos no currículo de matemática. Uma verdade, que pelo viés dos Estudos Culturais, traz a noção do diferente e do não-diferente. Claro que aqui o não-diferente é a ideia, no currículo de matemática, de que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher, e que a família é a nuclear, o diferente seriam todos aqueles que se colocassem em um movimento distinto do que está sendo proposto em termos de casal/família. Em outras palavras,

na medida em que é uma relação social, o processo de significação que produz a “diferença” se dá em conexão com relações de poder. São as relações de poder que fazem com que a “diferença” adquira um sinal, que o “diferente” seja avaliado negativamente relativamente ao “não diferente”. Inversamente, se há sinal, se um dos termos da diferença é avaliado positivamente (o “não diferente”) e o outro, negativamente (o “diferente”), é porque há poder (SILVA, 2011, p. 87).

Isso implica que um currículo de matemática, ao trazer o não diferente, ao colaborar para a construção de um enunciado de que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher, e de que família é a nuclear, está imerso em relações de poder, as quais esboçaremos mais para o final desta análise.

Um efeito que um currículo de matemática, ao produzir o diferente e o não diferente, é que esse currículo também produz uma interdição em sua discursividade, colaborando para a separação e rejeição no discurso daquilo que não está de acordo com o enunciado sobre casal/família que estamos analisando. De modo semelhante ao que estamos apresentando, temos as ponderações de Souza e Silva (2017) ao argumentarem que

Para Foucault (1996), as interdições estão dispostas de modo a dominar a proliferação do discurso, de outros modos de agir e pensar, de modo ‘que a sua desordem fosse organizada segundo figuras que esquivassem o mais incontrolável; tudo se passa como se tivesse querido apagar até as marcas de sua irrupção nos jogos do pensamento e da língua’ (p. 50). Um apagamento das diferenças para a constituição de identidades heteronormativas (SOUZA, SILVA, 2017, p. 7). [...] A interdição discursiva do currículo de matemática produz e reproduz uma separação e uma rejeição. Uma separação das formas de vidas localizadas no binário humano de outros modos de ser e estar no mundo representado na forma unívoca do currículo de matemática: menino ou menina. (SOUZA, SILVA, 2017, p. 12)

Essa interdição, que é sempre política, que está em busca de atender a interesses, que no caso sob análise estão voltados para um discurso conservador e neopentecostal, além de

produzir separação e rejeição é um catalisador que colabora para a construção de identidades excludentes, pois um currículo de matemática, como observamos, “impõe silenciamentos de outras representações, fabrica identidades excludentes quando direciona com quem fala, age no silêncio” (SOUZA, SILVA, 2017, p. 9) na discursividade do conteúdo de Análise Combinatória.

Especificamente, seguindo os ensinamentos de Foucault, é plausível afirmar que o enunciado de que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher, e de que família é a nuclear, constitui-se como uma norma nos livros didáticos analisados, se entendermos que a norma é o

elemento que, ao mesmo tempo em que individualiza, remete ao conjunto dos indivíduos; por isso, ela permite a comparação entre os indivíduos. Nesse processo de individualizar e, ao mesmo tempo, remeter ao conjunto, dão-se as comparações horizontais -entre os elementos individuais e verticais -entre cada elemento e o conjunto. E, ao se fazer isso, chama-se de anormal aqueles cuja diferença em relação à maioria se convencionou ser excessivo, insuportável. Tal diferença passa a ser considerada um desvio, isso é, algo indesejável porque desvia, tira do rumo, leva à perdição (VEIGA-NETO, 2007, p. 75).

Dessa forma, a norma sobre um enunciado de que casal é formado apenas pelo homem e pela mulher, e de que família é a nuclear, é saturante nos livros analisados, não admitindo exterior, “fazendo de todos um caso seu: normal ou anormal. O anormal, portanto, está na norma, está ao abrigo da norma, ainda que seja tomado como um oposto ao normal” (VEIGA-NETO, 2007, p. 75). Dito de outro modo, por exemplo, para não ser algo desviante, que leva a perdição, a discursividade-norma mobilizada nos livros é a de que casal só é possível na acepção de que esse precisa ser formado por pessoas do sexo oposto e o anormal seriam os casais que não estariam em conformidade com as regras pensadas a partir desse currículo. Da mesma forma, família só é possível quando formada por pai/homem, mãe/mulher e filhos e o anormal seriam famílias fora desse padrão. Na verdade, nem seria adequado chamar de famílias, mas agrupamentos de pessoas. Dessa forma, esse currículo “ativa poderes e os coloca em circulação (VEIGA-NETO, 2007), produzindo efeitos” (OLIVEIRA, 2020), dentro da Educação Matemática.

Terceiro fio da rede discursiva: relações de poder, para lembrar Foucault, ou o não-lugar, para lembrar Deleuze, que o enunciado estabelece, pois

se um enunciado inclui-separando, por exemplo, o que está correto daquilo que não está ou quem é normal de quem não é normal, segundo algum critério – é porque o regime de verdade do qual faz parte esse enunciado se estabeleceu para atender a determinada vontade de verdade que, por sua vez, é a vontade final de um processo que tem, lá na origem, uma vontade de poder (VEIGA-NETO, 2007, p. 105).

Nessa compreensão, um enunciado de que casal é formado apenas pelo esposo/homem e pela esposa/mulher, e de que família é a nuclear, busca atender a uma vontade de poder que, ao nosso ver, possui algumas dimensões, ou formações discursivas, bem evidentes: neopentecostalismo (já citado anteriormente), neoliberalismo e discurso científico da biologia. O caso do neopentecostalismo está diretamente relacionado à questão da inexistente ideologia de gênero, que abordamos rapidamente na introdução. A defesa da família nuclear é um dos pilares dos apoiadores desse movimento ideológico, que, embora tenha sido criada nos porões do vaticano, foi apropriada e amplamente difundida pelas igrejas neopentecostais, que vêm tendo uma influência e crescimento acentuado no Brasil nos últimos anos⁷. Consta na Bíblia, texto sagrado dessas igrejas, que Deus fez a mulher a partir do homem para se casarem, viverem juntos para sempre e se reproduzirem para dar continuidade à obra do senhor, a humanidade. Por isso, essa ofensiva das igrejas cristãs em afirmar “a diferença sexual e da complementariedade entre homens e mulheres, bem como de família como instituição composta de pai e mãe” (JUNQUEIRA, 2022, p. 128).

A diferença sexual é defendida com base no já ultrapassado, mas ainda vigente em alguns grupos, discurso científico da biologia, que tem uma linha argumentativa muito simples: a de que homens e mulheres são diferentes devido à sua composição biológica. Junqueira (2022, p. 76) aponta que autores e autoras conservadores argumentam que “homens e mulheres vivem experiências diferentes segundo as constituições biológicas que lhes são próprias, que intervêm profundamente no organismo e na psicologia de cada um”, o que dá às mulheres supostas características, e aos homens outras, sempre colocando estes superiores a elas, em vários, ou quase todos os aspectos da vida. Inclusive, já que somos da Educação Matemática, o discurso científico da biologia coloca, ainda hoje, as mulheres na condição de inferiores em matemática, com relação aos homens.

É consenso (discursivo), no ambiente educacional, que os meninos gostam mais, têm mais facilidade nas disciplinas exatas, ao contrário das meninas. Quem nunca ouviu algo do tipo: se o menino tira uma nota baixa, numa prova de matemática, é porque se distraiu; e, caso uma menina tire uma nota boa, é porque estudou muito, se esforçou. Esse tipo de discurso existe desde a educação infantil, de que a matemática é para os meninos e não é para as meninas. Elas gostam é de ler, escrever, estudar disciplinas que não envolvem números (ASSUNÇÃO, 2022, p. 187).

⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/salto-evangelico-21-igrejas-sao-abertas-por-dia-no-brasil-segundo-e-alvo-de-lula-e-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 08 ago 23.

No campo da Sexualidade acontece o mesmo efeito, sendo que a discursividade biológica/religiosa trabalha para deixar as mulheres no lugar de submissão aos homens, devendo se casar, virgem, para reproduzir e, então, cuidar do marido e dos filhos. O casamento tem fins reprodutivos, sendo que o prazer sexual, no caso delas, não deve nem ser pautado. Os dois corpos biológicos diferentes devem se juntar para dar continuidade à vida, embora cada um tenha tarefas diferentes determinadas por seu sexo biológico dentro da instituição família.

Nesse sentido, cabe à mãe, na tarefa de cuidar dos filhos, dar condições para que se tornem cidadãos de bem, com uma boa família, para assim, serem adultos produtivos, de sucesso. Perceba aí, alguns dos pilares da racionalidade neoliberal. Segundo Marinho (2020, p. 126), “a explicação neoliberal da relação mãe-filho constitui um investimento mensurável em tempo que renderá em uma boa formação para a criança e em uma satisfação emocional para a mãe”, que a deixará satisfeita no lugar a que ela foi determinada pelo discurso biológico/religioso. Por isso, também, outro aspecto em defender a família nuclear, dado que “a racionalidade neoliberal precisa da manutenção dessa família para extrair a maior produtividade de seus integrantes” (ASSUNÇÃO, 2022, p. 191). Quer dizer, uma família bem estruturada terá condições de melhor investir no capital humano dos filhos, inculcar valores de consumo e ganhos financeiros, além de manter os lucros dentro da própria família, aqui pensando na questão da herança.

Importante perceber como esses discursos são complementares, às vezes se sobrepondo, mas todos focados em manter um determinado tipo de família e suas práticas. Segundo Junqueira (2022, p. 13), “valores conservadores como as posições reacionárias sobre gênero têm se alinhado com posições capitalistas neoliberais em vários países”, inclusive no Brasil, em que o ataque a outras práticas sexuais e outros tipos de casais, fora do espectro heterossexual, é defendido por grande parcela da população. Esses argumentam ser necessário combater as sexualidades dissidentes por irem contra à natureza, por não gerarem descendentes, por serem pecaminosas e por desestruturarem a dinâmica sócio-econômica da sociedade ocidental, ancorada em núcleos familiares. Por isso, “o comportamento homossexual, uma ameaça à vida e ao bem-estar, não pode ser gerador de direitos” (JUNQUEIRA, 2022, p. 131), como o casamento homoafetivo, que é garantido pelo Supremo Tribunal Federal (STF) desde 2011.

Importante pontuar que o judiciário brasileiro reconhece a existência de famílias fora do modelo nuclear, embora o legislativo ainda não tenha feito uma lei que de fato reconheça esses núcleos familiares. Na verdade, o congresso brasileiro atual, repleto de conservadores religiosos, neoliberais e de extrema-direita, tenta proibir o casamento homoafetivo no país, uma

vez que está em tramitação na Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados, um projeto de lei com essa finalidade⁸. Como consta na reportagem, uma das justificativas do referido projeto de lei, é que “aprovar o casamento homossexual é negar a maneira pela qual todos os homens nascem neste mundo, e, também, é atentar contra a existência da própria espécie humana”.

Um detalhe que não podemos deixar de pontuar sobre esse projeto de lei, é sobre a contradição em torno dele (tal como aquela que mostramos na introdução com a pesquisa sobre a aceitação da Homossexualidade e contra o casamento gay), já que o projeto original, agora retomado com algumas modificações, é de autoria do ex-deputado federal Clodovil Hernandes, falecido em 2009, assumidamente homossexual. Isso mostra a necessidade de se discutir as formas em que as questões de Gênero e Sexualidade são trabalhadas na sociedade. Precisamos examinar a fundo o entendimento que as pessoas têm em torno dessas temáticas, que, em sua maioria, são (ou não) pautadas nas escolas, pelos currículos, nos livros didáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, partimos do pressuposto que o livro de matemática, ou melhor, um currículo de matemática não é neutro. Ele não se constitui fora dos contextos sociais aos quais vivenciamos e justamente por isso pode ser permeado de relações de poder, para o bem ou para o mal. Dessa forma, esse currículo produz discursividades e, ao fazer isso, como vimos, traz uma ideia de uma verdade normativa (SOUZA, SILVA, 2017) em termos de casal com a qual muitas pessoas que se relacionam ou se relacionarão com ela não se reconhecem ou não se reconhecerão. Isso vale também para o tipo de família que as pessoas irão constituir.

Como vimos, as 10 coleções analisadas não apresentam exemplos de casais homoafetivos. Dessas, seis apresentam exemplos de casais heteroafetivos e 4 são “neutras” e, em sendo neutras, corroboram com o modelo naturalizado e aceito como normal. O mesmo aconteceu com a questão da família, sempre, a nuclear, mesmo quando não é assim apontada diretamente. Isso significa que o enunciado em questão estabelece como *posição de sujeitos* que os casais são formados apenas por pessoas do sexo oposto, demarcando, no currículo de matemática, a constituição de uma Sexualidade Heteronormativa, assim como, estabelece como *posição de sujeitos* que famílias são formadas apenas por pai/homem, mãe/mulher e filhos, demarcando, no currículo de matemática, a constituição de uma família nuclear. Logo, como procuramos demonstrar, isso tem sido apresentado como algo, de certa maneira, fixo, como

⁸ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-da-camara-pode-analisar-projeto-que-busca-proibir-o-casamento-homoafetivo-no-brasil/>. Acesso em: 08 ago 23.

algo estável, natural. Mas podemos problematizar isso e mostrar, a partir dos Estudos *Queer*, que essa ideia reducionista é muito mais complexa do que propõem os grupos conservadores.

Nunca nos esqueçamos que vivemos em ares democráticos, em que se faz legítimo pensar um currículo de matemática para além das assepsias em relação ao considerado anormal. Nesse sentido, inspirados nos Estudos *Queer*, podemos pensar um currículo de matemática (como, por exemplo, livros didáticos) que seja perturbado em sua tranquila normalidade Heteronormativa. Quando falamos em *queer*,

antes de mais nada, o termo expressa, em inglês, uma ambiguidade que é convenientemente explorada pelo movimento *queer*. Historicamente, o termo *queer* tem sido utilizado para se referir, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais, sobretudo do sexo masculino. Mas o termo significa também, de forma não necessariamente relacionada às suas conotações sexuais, ‘estranho’, ‘esquisito’, ‘incomum’, ‘fora do normal’, ‘excêntrico’. O movimento homossexual, numa reação à histórica conotação negativa do termo, recupera-o, então, como uma forma positiva de autoidentificação. Além disso, aproveitando-se do outro significado, o de ‘estranho’, o termo *queer* funciona como uma declaração política de que o objetivo da teoria *queer* é o de complicar a questão da identidade sexual e, indiretamente, também a questão da identidade cultural e social. Através da ‘estranheza’, quer-se perturbar a tranquilidade da ‘normalidade’ (SILVA, 2011, p. 105, grifo do autor).

A partir dessa perspectiva, podemos afirmar com a análise desenvolvida nesta investigação, que falta, nos livros didáticos de matemática, ou melhor, nos currículos de matemática, uma abordagem *queer* das questões referentes a Gênero/Sexualidade (para ficar só nesses conceitos, dado o escopo do artigo). Na verdade, falta esse tipo de abordagem no currículo em geral da Educação Básica, como pode ser visto na própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em que, por pressão dos parlamentares para a aprovação do documento, o termo Gênero foi retirado do texto final. Isso é extremamente problemático, pois “uma perspectiva *queer* exigiria repensar a educação a partir de experiências que foram historicamente subalternizadas, até mesmo ignoradas, mas que podem ajudar a pensar nossa sociedade, buscar superar injustiças e desigualdades” (MISKOLCI, 2015, p. 17). É nessa linha que autoras, como Deborah Britzman, propõem uma pedagogia *queer* a ser implementada no ambiente educacional.

A pedagogia *queer* não objetiva simplesmente incluir no currículo informações *corretas* sobre a sexualidade; ela quer questionar os processos institucionais e discursivos, as estruturas de significação que definem, antes de mais nada, o que é correto e o que é incorreto, o que moral e o que é imoral e o que é normal do que é anormal (SILVA, 2011, p. 108, grifo do autor).

Não temos dúvida alguma que uma pedagogia *queer* mudaria a significação do que é casal e família nos livros didáticos, ou, em um currículo como um todo. Defendemos uma justiça curricular em relação aos grupos excluídos do currículo de matemática não apenas em termos de acesso ao currículo sobre o qual tecemos nossas análises, mas produzir modificações no próprio currículo existente, para o caso deste estudo estamos pensando no livro didático de matemática, mais isso pode ir muito além, começando pelos próprios documentos curriculares, como a BNCC, por exemplo.

Pensar uma pedagogia *queer* significa exaltar a diversidade humana e o respeito às diferenças. Como consequência, no ambiente educacional, o estranho não vai mais causar repulsa, mas admiração. E a prática docente será inclusiva e embasada nos direitos humanos. Este artigo é para você, que quando for trabalhar as questões dos livros analisados, apontadas neste artigo, e outras de mesmo cunho, em outros materiais didáticos, problematize junto aos alunos/às alunas que esses casais e famílias que aparecem nos livros existem, são legítimos, mas não são os únicos possíveis. Não temos nada contra esse tipo de casal e de família, porém, temos contra a imposição de serem as únicas formas possíveis. Por isso, não deixe passar essa oportunidade de levantar debates em torno de questões em que a matemática, dita neutra, mas que normatiza e normaliza.

Ações como essas podem reduzir violências, como a homofobia, no ambiente escolar. Não sejamos como os defensores da inexistente ideologia de gênero, que bradam: “é preciso deixar de estigmatizar e de tachar de homofóbico quem questiona a homossexualidade em termos sociais e morais” (JUNQUEIRA, 2022, p. 119). A estes, só lamentamos, porque Homofobia, além *démodé*, é crime, graças, mais uma vez, ao nosso judiciário⁹. E finalizamos com um recado para além do que nos quer ensinar a Análise Combinatória: nós podemos nos relacionar com quem quisermos, desejarmos, e nós podemos constituir a família da forma que nos vai oportunizar uma vida feliz, completa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thais Marcelle de (ed.). **Matemática Interligada: estatística, análise combinatória e probabilidade**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2020.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/08/22/supremo-determina-que-atos-de-homofobia-e-transfobia-sejam-punidos-como-injuria-racial.ghtml>. Acesso em: 08 ago 23.

ASSUNÇÃO, Ricardo Gomes. **Processos de Exclusão pela Matemática**: enunciados de alunos e alunas do Ensino Médio Integrado e do Ensino Superior. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022.

BONJORNO, José Roberto; JÚNIOR, José Ruy Giovanni; SOUSA, Paulo Roberto Câmara de. **Prisma - Matemática**: estatística, combinatória e probabilidade. 1 ed. – São Paulo: Editora FTD, 2020.

BRASIL. Ministério de Educação, Secretaria de Educação Básica. **Guia Digital PNLD 2021**: obras didáticas por área do conhecimento e específicas - Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2020.

CEVADA, Jefferson *et al.* **Matemática nos dias de hoje**: probabilidade e estatística. 1 ed. São Paulo: Editora SEI, 2020.

CHAVANTE, Eduardo; PRESTES, Diego. **Quadrante Matemática e suas tecnologias**: estatística, probabilidade e matemática financeira. 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2020.

DANTE, Luiz Roberto; VIANA, Fernando. **Matemática em Contextos**: análise combinatória, probabilidade e computação. 1 ed. São Paulo: Ática, 2020.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ/São Paulo, SP: Paz e Terra, 2017.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC/Rio, Apicuri, 2016.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A invenção da “ideologia de gênero”**: um projeto reacionário de poder. Brasília, DF: LetrasLivres, 2022.

LEONARDO, Fabio Martins de (ed.). **Conexões - Matemática e suas Tecnologias**: Estatística e probabilidade. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

LONGEN, Adilson, BLANCO, Rodrigo Morozetti, FREITAS, Luciana Maria Tenuta. TEIXEIRA (coord.). **Interação matemática**: a estatística e a resolução de problemas por meio de análise combinatória e probabilidade. 1 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARINHO, Cristiane Maria. **Processos de subjetivação, governamentalidade neoliberal e resistência**: uma leitura a partir de Michel Foucault e Judith Butler. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás. 2020.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Coleção Cadernos da Diversidade, 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015.

OLIVEIRA, J. C. G. **Currículos de matemática no ensino médio: significados que professores atribuem a uma Trajetória Hipotética de Aprendizagem desenvolvida à luz da Educação Matemática Crítica**. 2015. 214f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

OLIVEIRA, J. C. G. **Educação Matemática Crítica direcionando currículos: constituição de sujeitos e de uma tecnologia de governo**. 2020. 222f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez. **Ser protagonista matemática e suas tecnologias: estatística e probabilidade-ensino médio**. 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2020.

SOUZA, Deise Maria Xavier de Barros; SILVA, Marcio Antonio da. Heteronormatividade Demarcada por um Currículo De Matemática: uma linguagem para multiplicar sentidos. *In: 7º Seminário Brasileiro / 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2017, Canoas-RS. Anais do 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação e 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais em Educação, 2017. v. único. p. 1-12.*

SOUZA, Joamir. **Multiversos - Matemática: estatística e probabilidade**. 1 ed. – São Paulo: Editora FTD, 2020.

TEIXEIRA, Lilian Aparecida. **Diálogo - Matemática e suas tecnologias: Estatística e Probabilidade**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2020.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.